



Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



**"Nas democracias,
a presunção
é a de inocência"**

(O juiz Sergio Moro trabalha na contramão e sustenta o noticiário da Lava Jato com a presunção de culpa)

Em matéria de oratória
e refinamento literário,
Aécio teria muito
a aprender com o Corvo



Aécio, Lacerda opaco

► A obsessão pelo poder é a mesma, o brilho é outro

SOB ALTO PATROCÍNIO do PSDB, a manifestação do dia 16 de agosto, marcada para acontecer em diversas cidades do País, marchará com aquele já conhecido leque difuso de objetivos. Que ninguém se surpreenda, portanto, com a velha inscrição no estandarte, onde se apela para o retorno da ditadura militar. O movimento, composto de cidadãos que transitam do conservadorismo ao reacionarismo, será sustentado, mais uma vez, por estratos sociais do topo da pirâmide de classes.

Caso os integrantes da base dessa pirâmide, formada por uma imensa maioria de pobres e remediados, passem nas imediações do movimento, vai ver tudo com certa perplexidade. Quem sois? Há diferenças marcantes entre o Brasil de cima e o Brasil de baixo. Ao contrário dos manifestantes, os passantes ocasionais não terão ódio nos olhos. Estarão mais preocupados com a crise econômica, para eles traduzida em inflação e desemprego, precedente à crise política forjada no oportunismo. Essa marcha será um marco. Lance importante para os objetivos presidenciais de Aécio Neves. A única chance dele é a queda de Dilma. Imediatamente.

Os movimentos sociais não se formam por combustão espontânea. Por isso ele, derrotado na eleição presidencial de 2014, tornou-se

porta-voz político da marcha anunciada, parte do golpe contra Dilma camuflado pelo mecanismo do *impeachment*.

Nos últimos dias, na discussão desse tema teve sempre presente o senador Aécio Neves, como ocorreu

no encontro realizado na casa do senador tucano Tasso Jereissati. “O clima era de conspiração”, revelou um dos presentes ao jornal *O Globo*, de 7 de agosto. Aécio estava lá. Quase tudo se assemelha a uma repetição farsante do movimento civil-militar de 1964 que destruiu o presidente João Goulart.

Carlos Lacerda, governador do extinto estado da Guanabara, era a expressão máxima da oposição naquela época. Há uma grande distância no tempo. A distância, porém, não supera a presença da ambição pelo poder a qualquer preço, comum a Lacerda e a Aécio.

Aécio Neves acredita que um incêndio no País pode levá-lo à Presidência da República. Pós-golpe, Lacerda, candidato antecipado à eleição para presidente, marcada para 1965, pensava o mesmo e acabou cassado. Golpes e revoluções costumam engolir seus líderes. Há também diferenças entre a composição dos dois movimentos, distantes um do outro. Os militares, atuantes em 1964, estão nos quartéis. Como convém. No plano pessoal, existem também diferenças entre um e outro.

Lacerda era apelidado de “Corvo”. Alguém, se quiser, pode batizar Aécio de “Abutre”. Essa ave, como se sabe, sacia-se da carniça. Sobrevoa a vítima. Sangrar foi, até agora, o comportamento da oposição diante de um governo sufocado pela impopularidade. Assim, o Abutre prepara o ataque final. No plano pessoal, Lacerda emergiu como orador culto e brilhante. Aécio, ao contrário, é opaco e carece de maiores recursos intelectuais.

Aécio não irá à passeata. Acompanhará pela televisão. Vez por outra, olhará os passantes do alto da cobertura onde mora, nos limites do Leblon e Ipanema, bairros elegantes da zona sul carioca. Estará preocupado em medir o resultado da marcha. Ele não meditará sobre a fantasmagórica questão que assusta os golpistas no momento do golpe: “Sempre se sabe como começa, e nunca como termina”.



Andante Mossو



Erro pequeno, perdoável

Árvore do poder I

A presidente Dilma pretende podar a frondosa árvore de ministérios. Fala em acabar com 30% dos 39 existentes.

Ela deve dividir o abacaxi com o PMDB, um parceiro guloso por cargos.

O ministro da Fazenda, Joaquim Levy, defende essa redução. Mas, antes, ele precisa voltar aos livros de história do Brasil no período republicano.

Recentemente, ao falar do corte, citou como referência o ex-presidente Afonso Pena (1906-1909), quando “só havia seis ministérios”.

Levy errou. Mas, digamos, ficou na margem de erro. Eram sete os ministros.

Esse número precede e sucede ao governo Afonso Pena.

Árvore do poder II

Dando um salto no tempo, para resumir a história, chega-se à ditadura militar.

Os generais tomaram o poder com 15 ministérios e o entregaram aos civis com 16. Um rigor administrativo fácil de ser explicado.

Não precisavam de base política. Tinham os quartéis como sustentação da governabilidade.

Collor aumentou para 17; Itamar Franco chegou a nomear 21; José Sarney esticou para 26, após substituir Tancredo Neves, que subira o número para 22.

Fernando Henrique Cardoso, em oito anos, ampliou para 28. Lula e Dilma, em 12 anos, criaram mais 11 ministérios.

Apoio a Dilma

O governador Pezão, o prefeito carioca Eduardo Paes e o deputado Jorge Picciani, presidente do PMDB do Rio, fecharam apoio irrestrito à presidente Dilma.

Os parlamentares aliados a eles não acompanharão pautas alopradadas de Cunha nem darão apoio ao *impeachment*, se isso vier a ocorrer.

Leonardo Picciani, líder do PMDB, já mudou o tom do discurso.

Eles apostam na manutenção da governabilidade.

Ruim, mas estável

Para alcançar certos objetivos, a mídia, porta-voz do espírito e das necessidades da oposição, mistura marrão com arroz, quando interpreta pesquisas.

Isso é percebido a partir da

interpretação dada aos números de junho a agosto dos institutos Datafolha e Ibope.

Embora o Datafolha tenha ido a campo após a prisão de José Dirceu, um dado negativo, ele projeta um momento de estabilidade na grande impopularidade do governo Dilma em torno da avaliação do “ótimo e bom”.

Em junho, a aprovação positiva era de 10%. Agora é de 8%. Esse porcentual é muito próximo dos 9% registrados em julho pelo Ibope.

Mesmo em viés de baixa, os porcentuais de três meses variaram entre 10% e 8% na margem de erro de 2% dos institutos.

Tempos e costumes

A quase absoluta alienação política de professores universitários da rede pública, com exceção dos docentes dos institutos federais, manifesta-se na decretação de uma greve geral de forma alheia ao movimento da sociedade determinada pelo crescimento do desemprego.

Neste momento, professores e alunos deveriam se mobilizar nas faculdades para debater a crise, fazer manifestos e organizar reuniões. Em tempos não imbecilizados era assim.

Lula na mira?

O juiz Sergio Moro não fuma.

Carrega, porém, no bolso do paletó escuro uma invisível caixa de fósforo.

Ele pode atear fogo no País.

Pancada na mídia

No mais recente livro da série *Criminologia de Cordel, UPP: O novo dono da favela*, assinado por Patrick Granja (Ed. Revan), o advogado penalista Nilo Batista mira o prefácio no acompanhamento da violência pela mídia carioca. Ele dispara: “O poder da imprensa provém muito menos daquilo que ela publica do que daquilo que ela oculta. O tratamento jornalístico das UPPs é uma nova prova disso”.

Acertou na mosca.